

Ameaças contra o bem público virtual

Author(s):

[Francisco Louçã](#) ^[1]

Show Author Info?:

0

Por isso, um dos grandes debates do nosso tempo é saber como se protege o princípio do acesso universal contra as vantagens dos ?mercados?.

Não é pouca coisa. Dizem os estudos que quase todos os portadores de um *smarphone* verificam o seu aparelho até quinze minutos depois de acordarem e repetem a operação 150 vezes por dia, ou seja, de cinco em cinco minutos. É um frenesim. E é um instrumento indispensável.

Alguns dos produtos desta nova era foram aliás concebidos para criar habituação de rotinas de trabalho e de comunicação (do Farmville ao Bubble Shooter, do Twitter e do Facebook ao Instagram), gerando uma forma de sociabilidade dominada pela monopolização da atenção em torno de produtos genéricos. A hiper-comunicação como distração é a distopia da sociedade mercantil no século XXI. O que significa simplesmente o maior mercado de todos. Vivemos nele, precisamos dele para viver como hoje sabemos viver.

Pipe-tube

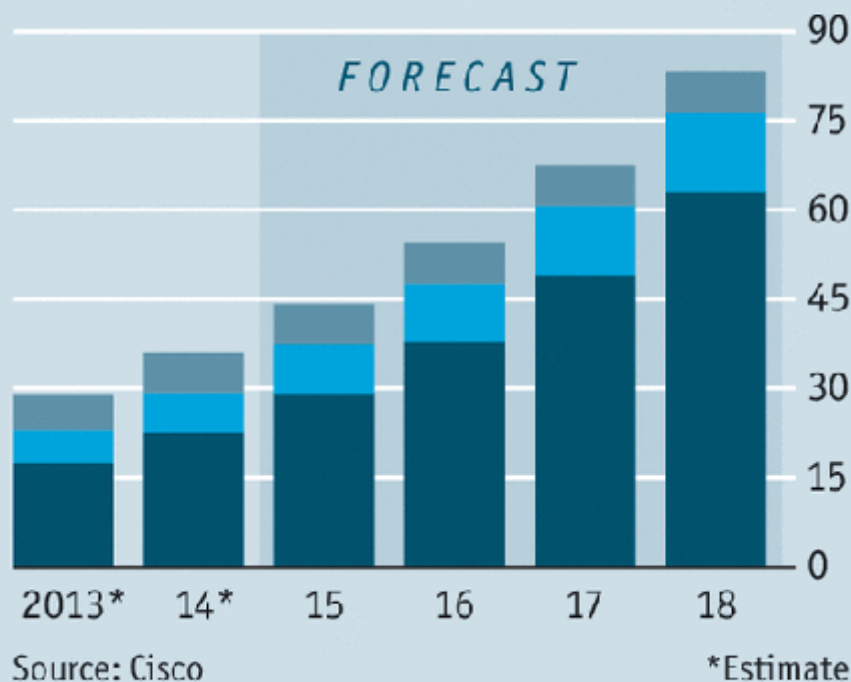
Consumer internet traffic

Exabytes per month

Internet video

Web, e-mail and data

File sharing



O gráfico ao lado [2]

Economist.com

demonstra como tem crescido notavelmente o fluxo de informação na internet e, sobretudo, como tem aumentado a comunicação de vídeos, que constituem dois terços do tráfego. Mails e outras formas de correspondência são importantes mas relativamente estáveis, ao passo que a partilha de ficheiros tem aumentado um pouco. Mas é nos vídeos que está o problema.

Por tudo isto, o debate sobre a neutralidade da internet, ou a proibição de discriminação dos clientes ou dos tipos de pacotes de dados, tem sido tão importante. Se os dados circulam em condições iguais para todos, independentemente da origem e destino ou conteúdo, então as empresas fornecedoras dos serviços de comunicação não podem criar oportunidades e privilégios, sob a forma de bandas a velocidades diferentes.

Daí a importância da recente decisão [3] do regulador norte-americano, reafirmando a proteção da neutralidade [4], enquanto o assunto está a ser discutido na Europa, o que veio reforçar o ponto de vista dos que defendem a internet como um espaço de acesso universalmente igualitário.

Há nos Estados Unidos um precedente para esta decisão. Em 1913, quanto a justiça norte-americana ameaçou a ATT, que era monopolista das telecomunicações, a empresa aceitou um acordo para evitar ser desmembrada. Esse acordo, que ficou conhecido pelo Compromisso de Kingsbury? (do nome do vice-presidente da empresa, Nathan Kingsbury, que escreveu a carta ao Procurador Geral aceitando as condições em nome da empresa),

previa a venda da Western Union e a garantia de que não haveria discriminação entre clientes, nomeadamente nas comunicações de longa distância. Todos os utilizadores do telefone seriam tratados por igual. Nas comunicações, essa é a jurisprudência norte-americana.

Claro que nem sempre é assim. A Netflix (que lançou agora a terceira série de *House of Cards*, um dos seus sucessos) paga à Comcast para que os seus vídeos tenham uma velocidade superior ao normal. Devido a esse tipo de pressões, a disputado tem-se acentuado e vale dinheiro.

A Europa, ao contrário do regulador norte-americano, procura instituir as duas velocidades [5], provando que nem sempre é do outro lado do Atlântico que vêm os ventos mais liberais. Entretanto, o problema pode-se agravar, porque, amanhã, dizem os especialistas, a nova questão será de saber se se pode manter a taxa-zero no acesso a conteúdos como o Facebook ou a Wikipedia, que aceitam a consulta e a utilização gratuita.

A lei do mercado entra em conflito com a lei das pessoas. Sempre foi assim.

Artigo publicado em blogues.publico.pt [6] a 4 de março de 2015

Sumário da Home:

A internet e, em particular, o cruzamento entre telemóvel e internet, tornou-se um meio de comunicação universal: dentro de cinco anos, só um quinto dos adultos não terá na sua mão um *smartphone* ou outro aparelho equivalente, dizem-nos os especialistas.

Lead:

A internet e, em particular, o cruzamento entre telemóvel e internet, tornou-se um meio de comunicação universal: dentro de cinco anos, só um quinto dos adultos não terá na sua mão um *smartphone* ou outro aparelho equivalente, dizem-nos os especialistas.

Sobre o/a autor(a):

- [Biblioteca](#)
- [Agenda](#)
- [Jornal Esquerda](#)
- [Blogosfera](#)
- [Comunidade](#)
- [Revista Vírus](#)
- [Wikifugas](#)
- [Ficha Técnica](#)

URL de origem: <http://www.esquerda.net/opinioao/ameacas-contr-o-bem-publico-virtual/36120>

Ligações:

[1] <http://www.esquerda.net/autor/francisco-lou%C3%A7%C3%A3>

[2] <http://www.economist.com/news/leaders/21641201-why-network-neutrality-such-intractable-problemand-how-solve-it-gordian-net>

[3] <http://cartamaior.com.br/?/Editoria/Midia/Internet-de-banda-larga-como-bem-publico-nos-EUA/12/32956>

[4] http://www.lemonde.fr/pixels/video/2015/02/27/neutralite-du-net-la-decision-americaine-aura-un-impact-en-europe_4584830_4408996.html?xtmc=internet_bien_public&xtcr=3

[5] <http://www.ft.com/intl/cms/s/0/5688747c-c192-11e4-bd24-00144feab7de.html#axzz3TQrbb6C9>

[6] <http://blogues.publico.pt/tudomenoseconomia/2015/03/04/ameacas-contr-o-bem-publico-virtual/>